

Cybèle Varela  
*Um Passeio Feliz*, 1970  
 Acervo MAMSP  
 Foto: Romulo Fialdini

Instalação com projeções  
 de Lucas Bambozzi -  
 Foto: Cecília Bastos

**RESUMO:** - Duas exposições apresentadas pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo levam à reflexão sobre a arte, o tempo, a vida e o meio ambiente: “Cybèle Varela: Imaginários Pop” traz os desafios da arte na ditadura e “Solastalgia”, de Lucas Bambozzi, mostra o impacto social e ambiental provocado pelas atividades mineradoras no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** MAC USP, arte na ditadura, Cybèle Varela, Lucas Bambozzi, impacto social e ambiental

**ABSTRACT:** - Two exhibitions presented by the Museum of Contemporary Art of the University of São Paulo lead to reflection on art, time, life and the environment: “Cybèle Varela: Imaginários Pop” brings the challenges of art in the dictatorship and “Solastalgia”, by Lucas Bambozzi, reveals the social and environmental impact caused by mining activities in Brazil.

**KEYWORDS:** MAC USP, art during the dictatorship, Cybèle Varela, Lucas Bambozzi, socio-environmental impact

## EXPOSIÇÃO

# O MAC USP INSTIGA ENTRE OS DESAFIOS DA ARTE

LEILA KIYOMURA - ABCA/ SÃO PAULO



## CYBELE VARELA, AOS 80 ANOS, REVÊ OS DESAFIOS QUE ATRAVESSAM O TEMPO

Quando Cybèle Varela atravessa o salão para ver sua terceira exposição individual no Museu de Arte Contemporânea, com os cabelos compridos claros, franja, a artista volta no tempo. Às vésperas de completar 80 anos, revê sua arte, que se destacou nos anos 1960 e constata que ela continua pop entre os jovens.

“Olha só, esta obra conta a minha história na arte brasileira”, diz Cybèle. “Em 1967, eu iria participar com ela pela primeira vez da Bienal. Estava toda feliz, mas antes da abertura oficial dessa 9ª Bienal, tive uma surpresa. A obra foi retirada às pressas pela polícia e censores do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão do governo militar que a consideraram uma ameaça à política, à ditadura... ”.



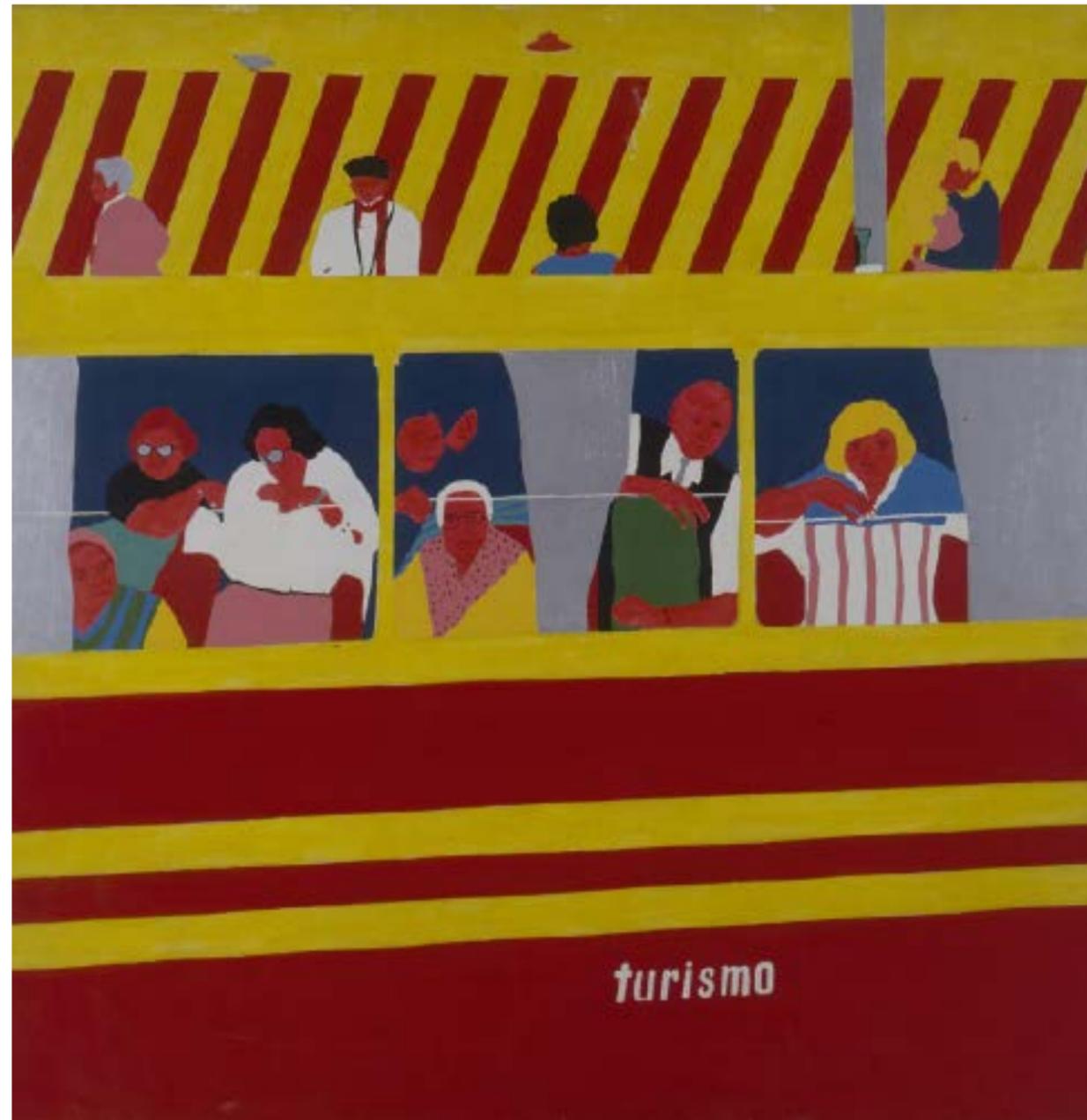
Cybèle Varela, foto: Ariane Varela Braga

Com o nome *Presente*, a obra foi totalmente destruída. “Era realmente um presente que estava acomodado em uma caixa de madeira. Quando a caixa era aberta, um coração vermelho saltava de uma farda de um general repleta de estrelas. No fundo, desenhei o mapa do Brasil. Neste coração, escrevi em letras pretas um trecho do Hino à Bandeira: *Recebe o afeto que se encerra em nosso peito juvenil*”.

A obra foi presa, exterminada, mas o recado estava dado. E apesar de sua interdição, a artista conta: “Na época, recebi também um grande presente. O MAC USP me concedeu o Prêmio Jovem Arte Contemporânea.” Hoje, 56 anos depois, *Presente*, obra que foi refeita em 2018, está no Museu de Arte Contemporânea da USP. E a sua história é revivida, na exposição *Cybèle Varela, Imaginários Pop* com a curadoria de Ana Magalhães, professora e diretora do MAC USP, e da historiadora Ariane Varela Braga, filha da artista. Um momento de um tempo de desafios e resistência



Cybèle Varela, *O Presente*, 1967-2018, Coleção Lili e João Avelar, foto: Ariane Varela Braga



Cybèle Varela,  
*Cenas de ruas I*,  
1968, MAC USP.  
Foto: Romulo Fialdini



Cybèle Varela,  
*Cenas de ruas II*,  
1968, MAC USP.  
Foto: Romulo Fialdini



Cybèle Varela,  
*Cenas de ruas III*,  
1968, MAC USP.  
Foto: Romulo Fialdini

que integra a comemoração dos 60 anos do MAC USP (1963-2023).

**“DE TUDO QUE PODE VIR A SER... AS CENAS QUESTIONAM A REPRESSÃO DAS MULHERES. ESTA É UMA SEQUÊNCIA QUE TEM UMA NARRATIVA CINEMATOGRAFICA”**

Além de *Presente*, o público se surpreende ao observar as reflexões da artista. Sua arte atravessou o tempo. E está comemorando os 60 anos do MAC com o desafio que une irreverência à estética. Questiona a ideologia da religião, discute o papel da mulher, registra o movimento das ruas e o crescimento urbano. Em suas obras, há também a diversidade. Na obra *Passeio Feliz*, de 1970, há um casal jovem e descontraído. Ele com bermudas coloridas. Ela com chapéu e uma bolsa com o desenho de um papagaio. Azul, vermelho, verde, cores para destacar uma cena tranquila, feliz e poética. Como um sonho que a artista deixou no horizonte.

Em um caminhar pelas ruas, Cybelle Varela registra uma cena

que reúne humor, ironia e crítica. No tríptico *De tudo aquilo que pode ser I*, 1967, a artista pinta duas moças, uma loira e outra ruiva. Vão andando soltas e livres exibindo a mini-saia preta e vermelha. Elas cruzam com duas freiras com suas vestes pretas, óculos, sisudas... Na outra cena, as freiras ressurgem revelando o desejo de vestir mini-saia. E na terceira, as freiras reaparecem com mini-saia e calçando os sapatos branco e verde das jovens. A artista argumenta a transformação com o título da obra. “De tudo que pode vir a ser... as cenas questionam a repressão das mulheres. Esta é uma sequência que tem uma narrativa cinematográfica. No momento em que as freiras vêm as moças elas trocam de roupas. E saem com as pernas de fora.”

O outro tríptico exposto também pertence ao acervo do MAC USP é *Cenas de ruas*, 1968... Um ônibus de turismo vai passando. E quando pára, os pedestres e turistas atravessam na faixa. Há uma senhora bem vestida, de luvas, segurando o cachorro pela coleira. Outro tríptico, *Pedestres*,

1967-2022, da coleção Fernanda Feitosa e Heitor Martins, também traz uma cena urbana com pessoas de diversas nacionalidades. “Este quadro também havia se perdido, chegou depois de uma exposição todo destruído, comido por formigas. Aí o Heitor Martins pediu, no ano passado, que eu o refizesse.”

**“ESSE MOMENTO RICO E POTENTE CHEGOU AO SEU FIM NO CAMPO DAS ARTES VISUAIS COM A INSTITUIÇÃO DO ATO INSTITUCIONAL NO. 5, EM DEZEMBRO DE 1968”**

Cybèle Varela nasceu em Petrópolis, em agosto de 1943. Começou a pintar e a criar objetos quando era menina. Tinha 16 anos quando recebeu o seu primeiro prêmio no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) do Rio de Janeiro. E não parou mais de pintar, criar objetos e registrar cenas do cotidiano. “Ela seguiu nos anos 1960, com obras e objetos figurativos, que dialogavam com debates em torno da Arte Pop, mas que aqui tinha outros contornos a partir da experiência



Cybèle Varela  
*Um Passeio Feliz*, 1970  
 Acervo MAMSP  
 Foto: Romulo Fialdini

da chamada Nova Objetividade Brasileira”, explica Ana Magalhães. “Em seus primeiros trabalhos, entre 1965 e 1966, pareciam emergir referências claras à cultura popular e autodidata do país. A partir de 1967, eles incorporam outros elementos: a cultura popular urbana, aquela divulgada pelos meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão, a linguagem da propaganda, vistos de um ponto-de-vista crítico e irônico.”

Ana destaca que Cybèle Varela se formou em uma época marcada pela presença de artistas, especialmente do eixo Rio de Janeiro - São Paulo. “Neles, a retomada da figuração, aliada a novos materiais e técnicas de pintura que incluíam a tinta em spray, os esmaltes sintéticos e tintas automotivas, constituíram um preâmbulo às experiências mais conceituais. Esse momento rico e potente chegou ao seu fim no campo das artes visuais com a instituição do Ato Institucional nº5, em dezembro de 1968, que inaugurou assim o período mais duro da ditadura militar brasileira.”

Na época, Varela viu muitos amigos artistas serem presos, torturados, “Diante das ameaças, pedi uma bolsa de estudos na França que foi aprovada pelo Governo Francês e fui morar e estudar em Paris. Depois de um ano voltei, mas continuei muito pressionada. Então pedi outra bolsa. Fiquei sete anos em Paris, casei e tive minha filha.”

Cybele Varela continuou morando na França, Suíça, Itália e Espanha, participando de exposições individuais e coletivas na Europa e também no Brasil. “Esta é a minha terceira exposição no MAC USP. Fiz estas obras quando era muito jovem e fico feliz por revê-las nesta exposição e perceber que continuam atuais. A percepção da vida muda com o passar dos anos, assim como muda a maneira de criar. Mas este olhar para traz me permitiu entender o presente e minha trajetória...”

## EXPOSIÇÃO MOSTRA CATÁSTROFES AMBIENTAIS PROVOCADAS PELO HOMEM

São imagens que atestam que as transformações na paisagem, a destruição das florestas e montanhas chamadas de “naturais” são provocadas por ações “humanas”. É essa realidade que o cineasta, artista visual e pesquisador em novas mídias, Lucas Bambozzi, traz na exposição *Solastalgia*. E envolve o espectador com projeções, monitores e painéis de led para uma reflexão sobre o impacto social e ambiental provocado pelas atividades mineradoras no Brasil.

“*Solastalgia* é um conceito do filósofo Glenn Albrecht que expressa o sentimento de perda diante das transformações radicais na paisagem”, observa Bambozzi. “É o stress mental, existencial diante das mudanças ambientais atribuídas às consequências naturais, mas também pelo extrativismo irresponsável”.

Com a curadoria de Fernanda Pitta, professora do Museu de Arte Contemporânea da USP, a exposição traz quatro instalações. *Solastalgia*, que propicia o título da mostra, surgiu com a realização do longa-metragem *Lavra*, feito por Bambozzi em 2021 com duração de 91 minutos. Apresentam imagens de



Cratera Mutuca  
Foto: Lucas Bambozzi

montanhas e paisagens destruídas causadas pela mineração de ferro em Belo Horizonte, Minas Gerais. “As imagens atestam a lógica extrativista que destroça modos de vida, em nome de uma noção arcaica de progresso”, ressalta o artista. “Se antes estávamos expostos a formas de solastagia

como acidentes naturais. Hoje esses acidentes são causados por negligências, por modelos de extrativismo danosos e por uma noção de desenvolvimento que vai contra os princípios e modos de viver”.

**“O MAC USP REFORÇA O ENTENDIMENTO DO MUSEU COMO UM ESPAÇO DE ESCUTA ATENTA À PRODUÇÃO ARTÍSTICA EXPERIMENTAL”**

Na obra inédita *Extra, Extra* (2023), há também as narrativas de tragédias, acidentes naturais ou por ações exploratórias. Esse vídeo foi feito a partir de imagens e registros de fotojornalismo divulgados na mídia. Na série *Paisagens Rasgadas* (2021), o cineasta exhibe em cinco telas LCD passeios virtuais através do Google Earth Studio, inserindo imagens aéreas de diferentes fontes.

A instalação LUZES (2023) traz painéis luminosos posicionados no chão que recebem projeções de frases que sintetizam a ideia de solastalgia, sob o olhar de três pensadores convidados:



Foto: Lucas Bambozzi

Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista e filósofo; Christiane Tassis, escritora, roteirista do filme *Lavra*, e a artista e professora da FAU USP, Giselle Beiguelman. Ao longo do período expositivo, novas participações de artistas devem se somar ao espaço da instalação, em diálogo com as redes sociais e com a exposição em sua integralidade.

“Ao acolher essa exposição, o MAC USP reforça o entendimento do museu como um espaço de escuta atenta à produção artística experimental e de plataforma para práticas artísticas que refletem sobre questões e problemáticas urgentes do mundo contemporâneo”, observa a curadora Fernanda Pitta.



Instalação com projeções  
de Lucas Bambozzi -  
Foto: Cecília Bastos

*Cybéle Varela, Imaginários Pop e Solastalgia, de Lucas Bambozzi, em cartaz no Museu de Arte Contemporânea da USP, avenida Pedro Álvares Cabral, 1301, Ibirapuera, SP. De terça a domingo, das 10 às 21 horas. Até 1 de outubro. Entrada gratuita*



“Solastalgia é um conceito do filósofo Glenn Albrecht que expressa o sentimento de perda diante das transformações radicais na paisagem”, observa Bambozzi

## CYBÉLE VARELLA

Pintora, fotógrafa, videasta e criadora de objetos. Estudou pintura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ entre 1962 e 1966. Na década de 1960, explora temas urbanos e se destaca com seus grandes painéis pintados com esmalte sintético sobre madeira, como Grand Prix no Salão de Arte Moderna do Rio em 1969, também criando objetos pintados sobre madeira, como a Lousa Sepulcral, apresentada na 9ª Bienal Internacional de São Paulo. Viaja para Paris, como bolsista do governo francês nos anos de 1968/1969 e 1971/1972, onde estuda na Ecole du Louvre. Nos anos 1980, morando em Genebra, sua obra se desenvolve em torno da temática da natureza. Nos últimos anos, retorna a representação de figuras, sempre dentro de um contexto narrativo, utilizando pinturas, fotos e vídeo, sobre o mesmo tema. Apresenta, em 2005, sua mostra individual no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC/USP .

## LUCAS BAMBOZZI

Artista e pesquisador em novas mídias produz trabalhos em vídeo, instalações e meios interativos. Seus trabalhos já foram exibidos em mais de 40 países, em organizações como o Moma (EUA), ZKM, Frankfurter Kunstverein (Alemanha), Arco Expanded Box (Espanha), ŠKUC gallery (Eslovenia), Museum of Modern and Contemporary Art (Rijeka, Croácia), WRO Media Art Biennale (Polônia), Centro Georges Pompidou (França), Bienal de La Habana (Cuba), ISEA Ruhr (Alemanha), ZERO1 Biennial (EUA), Ars Eletrônica (Áustria - com menção honrosa em 2010 e 2013), Bienal de Artes Mediales (Chile), Bienal da Imagem em Movimento (Argentina), 25ª Bienal de São Paulo dentre outras. É doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, professor no Departamento de Artes Visuais na FAAP e na Escola Entrópica no Instituto Tomie Ohtake.

## LEILA KIYOMURA

Atua como jornalista da editoria de Cultura do Jornal da Universidade de São Paulo. Pós-graduada no Programa Interunidades da USP e curadora na Fundação Mokiti Okada nas mostras *Tikashi Fukushima: Quando os ventos sopram cores* (2018), *O Japão nas fotos de Atílio Avancini e Joel La Laina* (2019) e a *Natureza de Evandro Carlos Jardim* (2020). Escreveu os livros Claudio Tozzi (Edusp) e Ateliês dos Artistas Contemporâneos de São Paulo (Empresa das Artes) entre outros. Integra a Associação Brasileira de Críticos de Arte, Associação Internacional de Críticos de Arte. É editora da Revista Arte & Crítica, da ABCA.